

# A SEMANA

GAZETA LITTERARIA

Fundada por Valentim Magalhães

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 7 DE NOVEMBRO DE 1887

DIRECTORES-PROPRIETARIOS J. BORGES CARNEIRO E BELLARMINO CARNEIRO.

VOL. III—Ns. 148 e 149

REDACÇÃO E TYPOGRAPHIA — RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

## SUMMARIO

Expediente.....	V. MAGALHÃES.
«A Semana».....	V. MAGALHÃES.
Escreptores do Norte do Brazil.....	F. TAVORA.
Transformação, poesia .....	R. AZAMOR.
O poeta favorito.....	O. SILVA.
Naufragio do coração, soneto.....	M. TEIXEIRA.
Naturalismo e pessimismo.....	ARARIPE JOR.
O Amazonas, poesia.....	M. C. V. CUNHA.
Estudos da Litteratura Brszileira .....	SYLVIO ROMÉRO.
A escrava fiel, poesia.....	MERIGANO.
Grave ou esdruxula.....	G. BELLEGARDE.
Esqços e auroras.....	MAX FLEIUSS.
A viola.....	TIO ANTONIO.
Festas, bailes e concertos A morte e o carnaval, soneto.....	J. M. SILVA.
Diversas publicações.....	

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

CÓRTE E NICTHEROY	
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000
PROVINCIAS	
Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

As assignaturas todas e pagas desde já vigorado: as de semestre até 30 de Junho e as de anno até 31 de Dezembro de 1888.

A Empresa desta folha, no intuito de regularizar o seu serviço, roga encarecidamente aos Srs assignantes em atraso a fineza de mandarem satisfazer os seus debitos até ao fim do anno corrente.

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e és que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Symphonias*, 1 volume de versos, de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Poemas e Idylls*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adeline A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignatura e por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Pamparos*, versos, de Rodrigo Octavio.

## A SEMANA

Rio, 7 de Novembro de 1887.

Após dois annos e dez mezes de trabalho insano, de pertinazes e rudes esforços e de toda sorte de sacrificios dignos, vi-me forçado a desistir da tarefa arduissima de levar por deante *A Semana*, folha fundada sob os melhores auspicios e que obtivera a mais lisongeira e animadora acolhida: — desde o die 31 do mez passado que é proprietario d'esta folha o Sr. Bellarmino Carneiro e seu redactor principal o Sr. Borges Carneiro, ao primeiro dos quaes passei a propriedade d'*A Semana* sem nenhum onus nem responsabilidade — a não ser a do implemento integral dos assignantes tomalhas e pegas.

Se não fui afortunado na empresa de sustentar um hebdomadario inteiramente dedicado ás Letras, se nella abysmei alguns contos de reis meus, algumas centenas de mil reis do amigos que me auxiliaram na fundação da folha, e tres annos de ininterrompidos; e duros esforços, trabalho e desgostos, não posso attribuir esse insucesso parcial ao Publico, pois *A Semana* um anno depois de fundada tirava mais de tres mil exemplares, contando cerca de dois mil e quinhentos assignantes e ainda hoje, que a passo a outras mãos, conta ella cerca de dois mil assignantes.

Manda a Verdade que eu declare—e vou declarando-o *ad memoriam rei*— que nesse algarismo entra a Corte com um contingente miseravel, contingente cuja maioria é formado justamente por aquellas pessoas das quees era natural esperar-se que dispensassem á *Semana* sympathia e auxilio.

Triste, sim — mas tambem curiosissima essa apathia faki riena da capitel do imperio ante a f.lhe que, com todos os sacrificios, se destinava e trabalhava para representar o ssu a leatamento mental, para completar o quadro da sua imprensa de cidade civilisada e progressieta, a principal de um paiz americano, com pretensões scientificas, artisticas e litterarias!

A outras causas, portanto, que não á indifferença do Publico—das provincias subentenda-se—nem á parte reletive á direcção e redacção de folha,— que sempre mereceram gabos e applausos— se deve attribuir este resultado, que, embora triste para mim e para os meus amigos, imprevisto e inesperado para muitos, é mesmo assim, e ainda, uma prova de que não era *A Semana* uma folha abandonada, votada á morte; tanto assim que ahí vae ella continuando a sua rôta, embora em outras mãos — estrenhas, mas amigos — animada do mesmo programma e nas mesmas primitivas condições.

E' que ao seu digno proprietario actual não fallcem os dois elementos, cuja carencia ultimamente ia levando

*A Semana* á morte: — aptidão administrativa e algum capital pera ecudir ás difficuldades economicas da empresa.

A minha folha não morreu: continue a viver e viverá longa e prosperamente porque estão removidos os apontados obices que lhe empesciam a marcha.

A v-la perecer nas minhas mãos, perdendo todo um tão longo e penoso trabalho, tantas e tão risonhas esperanças, tão numerosos e fecundos elementos de vida, preferi que ella passasse a outras mãos, pois nellas iria florescer, fructificar,—viver, emfim.

Se muito vae ganhar agora *A Semana* (e unica das minhas obras de que immodestamente me orgulho) na parte relativa á administração, nada perderá tambem quanto á direcção litteraria á redacção, pois mais do que eu reune o meu illustrado successor as qualidades precisas para o cargo.

Pela minha parte—e não é difficil comprehender o interesse que nisso tenho—concorrei com tudo quanto de mim depende para a prosperidade da folha de que, se já não sou proprietario nem director, continuo a ser e melhor amigo.

E tanto, que acedendo gostosamente eo convite dos ssus novos directores, dar-lhe-ei a minha collaboração e procurarei manter a dos amigos que, tão preciosa e desinteressadamente, me auxiliaram sempre.

Aos antigos assignantes, a todos os protectores e amigos d'*A Semana* peço com vivo empenho continuem a honral-a com as suas sympathias e o seu auxilio.

Isto posto, resta-me agradecer aos meus companheiros de trabalho e a todos os collaboradores da folha e a todos os amigos, sem cuja cooperação eu teria desanimado ha muito e desistido da empresa, mais ainda que os seus serviços e obsequios, as constantes provas do seu apreço e da sua estima. A todos o meu cordial e perduradouro agradecimento. Não individualiso ninguem porque maior falta do que calar os seus nomes seria a de esquecer algum d'elles.

Seja-me permitido, contudo, abrir uma excepção: quero externar publicamente o meu reconhecimento a tres antigos compenheiros de trabalho, que, mais do que meus empregados, foram meus verdadeiros amigos: —os Srs. Vieira Borgas filho, chefe da officina typographica, um digno ornamento da sua classe, o Sr. Antonio de Andrade, expeditor, e o Sr. José de Carvalho, auxiliar da administração. Que esta declaração lhes possa servir de attestado do seu zelo e da sua honradez, se algum dia for necessario.

Aos meus dignos continuadores de-sejo todas as fortunas, e á minha querida folha—ia dizendo *filha*—e pujança, o brilhantismo e a prosperidade que lhe não pode dar.

VALENTIM MAGALHÃES.

## Escreptores do Norte do Brazil (\*)

VI

O Sr. Joaquim M. Serra

Comquanto este escriptor seja bastante conhecido no sul, onde reside e esta serie de criticas se destine particularmente aos que são apenas conhecidos nas suas provincias ou nas vizinhas, dou-lhe logar aqui como dei a G. Dias, por dous motivos que são obvios: 1º seria imperdoavel lacuna, tratando-se de uma galeria litteraria nortista, omitir escriptores que alli deram as primeiras provas do seu talento embora posteriormente se transportassem á Côte, onde receberam e confirmação ou *sancção*; 2º nos seus escriptos encontro provaa que muita autoridade ministram a minha these visto que são specimens da feição litteraria que me proponho tornar aceita eos pensadores bem intencionados e de animo isento de qualquer preconceito de bairrismo, que desnortee a exacta observação.

O Sr. Serra está neste caso. Pelos seus escriptos, ao lado dos de outros, é que justamente me foi suggerida a idéa da differença nas produções dos dous meios brasileiros. Como esquecer-o? Seria o mesmo que privar-me de uma das minhas melhores armas para o combate.

O Sr. Serra aceitará a minha idéa? E' pergunta a que não posso responder satisfactoriamente. Nunca me entendi com o distincto escriptor sobre este ponto. As nossas relações sociaes são muito curtas. Poucas palavras temos trocado em perto de 10 annos que vivemos no mesmo meio.

E' bem possivel que elle não aceite a minha idéa em toda e sua amplitude; é possivel que ella lhe pareça exacta, mas não conveniente. São do Sr. Serra os seguintes conceitos, em suavissima e natural ryma:

« Entendo que esta Côte é grande Côte,  
Que ella sabe o que faz!  
Por ser filho do mato  
Camponio lá do norte  
Não é que hei de fazer o descasto  
De deedenhar daquillo!  
Eu sou disso incapaz,  
Fique o Rio tranquillo!  
Embora eu seja um rude montanhez  
Sei o adagio e... a Côte sou cortez. » (1)

Ninguem veja na transcripção destes versos a menor insinuação desfavoravel ao autor que eu reputo digno de toda a consideração. Vejam a verdade sem malicia.

(\*) Partence á serie que começou a publicar-se em a *Nueva Revista de Buenos Ayres*.

(1) Versos de Pietro de Castellamare pag.

Mas não é exacto que não vale a pena perder affeições e ganhar desaffectos por pequenas coisas como são as litterarias? Eu posso falar neste assumpto *ex-cathedra*. Tenho adquirido inimizades que poderiam ser, pelo menos, outras tantas sympathias, si eu não andasse nesta ardua e ingloria campanha de litteratura do norte. Ninguem quer attender a que sou levado pelo amor á verdade. Suppoem alguns que quero celebrar-me, tornar-me chefe de escola, inventor de qualquer coisa.

Qualquer que seja porem a opinião do Sr. Serra sobre a these que sustento, o que me parece poder affirmar é que nos seus escriptos se depara perfeitamente caracterizada a alma da terra onde se formou a sua individualidade litteraria. Nem podia acontecer o contrario, e o seu juizo trahe a sua consciencia quando n'uma critica sobre *O Cabelleira*, se exprime nestes termos:

« Para nós é ponto fóra do duvida que é um proposito serio esse o do Sr. Franklin Tavora discriminando o que elle chama a litteratura do norte, da litteratura do sul.

« Talvez o erro esteja na denominação; mas a cousa existe.

« O modo de olhar, de sentir, e de fallar é muito diverso em certas zonas do nosso paiz. Ha verdadeiras novidades para o homem do sul naquillo que é usual e comensinho na vida do homem do norte.

« Scenario, typos, tudo varia. » (2)

Destas palavras eu poderia inferir que, ao menos está muito perto de mim, sinão está totalmente comigo, o critico perspicaz.

Os escriptos do Sr. Serra estão no mesmo caso dos de G. Dias: foram publicados antes de vir á luz a these que iniciiei com *O Cabelleira*. Não se fallava na dupla feição da litteratura nacional. Os livros saíram-lhe espontaneamente do espirito; e é por isso que mais auxiliam a minha idéa.

Não é uma das menos robustas provas do meu tema o facto de pertencer ao norte quasi todos os assumptos dos seus livros, ainda mesmo do que publicou quando já estava de residencia fixa na Côrte.

Deixemos de parte os *Versos de Pietro de Costellemare* que accusam um dos nossos mais fluentes e graciosos poetas. Estes versos, e bem assim o *Salto de Leucade* (3) podem pertencer a todas as litteraturas porque são na sua maior parte, traducções ou imitações. Voltemo-nos para o seu poema—romance *Um Coração de Mulher*. (4)

É um dos mais espontaneos trabalhos que temos em verso. Descripções sobrias accusam no auctor penna feita no seu officio. A facilidade quer no verso, quer na rima, poucas vezes em nossa litteratura subiu tão alto. A pintura dos ciganos, esses bohemiões que desapareceram de Pernambuco, Paralyba, Rio Grando do Norte, onde apenas deixaram as suas tradições, mas ainda se encontram no interior do Maranhão, tem no livro um colorido que interessa ao leitor, pelas particularidades que lhes são proprias.

O assumpto do romance é nenhum—uma filha que deixa a casa paterna a onde volta, depois da sua deshonra

(2) Folhetim da *Reforma*, 1876

(3) S. Luiz do Maranhão, 1868. Neste volume de poesias compoetas no Rio de Janeiro em 1866 veja-se a *Tercera parte* (Hemorriticas)

(4) S. Luiz do Maranhão, 1867

que foi lavada com o sangue do seductor pelo irmão da seduzida. Nada mais simples E' um pretexto para descripções. A cor, a luz, o perfume, a paisagem, os costumes eis o que é maior no livro. Muitos desses costumes, muitos dos vocabulos empregados são communs a todo o norte, e estranhos no sul.

Damos algumas das descripções para exemplo. Seja a primeira a dos ciganos:

« Em baixo de umas mangueiras  
Mui copadas e altaneiras,  
Distante da habitação,  
Algumas redes armadas,  
Fortemente balançadas  
Presas nos troncos estão.  
Nesse sitio, que alvorçoço!  
O velho, a creança e o moço  
N'uma rede, aos dois e trez!  
Que algazarra diversas!  
Um' hora alegres conversas,  
Gritos, pragas outra vez!

« Na arcaia um menino rôla,  
Fazendo affagos a um cão:  
Tôca e canta na viola  
Mais adiante o seu irmão.  
Um papagaio ensinado  
Grita e fala esfomeado,  
Tornando a bulha maior!  
Alorges, canastras, sellas,  
Brides, silhas e fivollas  
Estão esparços derredor.  
Muitas mulheres formosas  
De floridas primaveras,  
Muitas outras horrosas  
Avelhentadas megéras!  
Com muitas rendas e fitas  
Estas se fazem bonitas  
No caprichoso trajar!  
Aquellas, quasi despidas,  
No canto estão encolhidss,  
Ninguem as pode fitar!

« Os homens todos armados.  
E' um ambulante arsenal!  
De prata e ouro adornados  
O claynoto e o punhal  
A un' parto está assentada  
Na porteira do quintal;  
Pasta solta a cavalhada  
No meio do capinzal.

« Filhos do sol e serenos,  
Rostos queimados, morenos,  
A tropa toda é assi!...  
Mas, que caravana é essa,  
Que parece não ter pressa  
E vem repousar ali?  
São os errantes ciganos,  
Que enfestam nosso sertão,  
Passam-se annos e annos  
E sempre em viage estão » (5)

O Maranhão é fertil em poeta: Os mais inspirados que temos são d'alli. O Sr. Serra confirma a regra.

Talvez por muito identificados com a sua terra todos os poetas do norte são bairristas. Cada um d'elles, antes de nortista, é provincialista. O Sr. Julio Cezar abre o seu livro *Pyraustas* com a poesia *Saudades do Pará*, e fecha a primeira parte com a que se intitula *Salve! Pará*. José Coriolano, de que tratarei opportunamente, canta o seu *Piahy* como filho estremeado. Juvenal Galeno é todo o seu Ceará. Antes d'estes já G. Dias que devia ter uma intuição mais generica ainda assim revela-se possuido, em mais de um logar das suas obras, desse sentimento natal a que não se resiste impunemente. O

(5) *Um coração de mulher*, pag. 35.

Sr. Serra tem uma declaração irrecusavel.

Minha alma fica expansiva  
No meio destas montanhas!

Eu amo a vida modesta  
Que se goza no sertão;  
Eu amo a virgem floresta  
Do meu patrio Maranhão.  
Passei lá serenos dias  
De tão gratas alegrias  
Como não tenho mais, não.

Floresta inculta e sombria,  
Ermo que me viu nascer,  
Amo-vos muito, hoje em dia  
Outro amor não quero ter.

« Que dias tão bem passados,  
A divagar pelos prados,  
De florinhas ennastrados  
Com mais graca que os jardins!  
Na caçada costumeiro,  
Sósinho, sem companheiro,  
Atraz do veado galheiro,  
De um bando de jacamins!

Aquellas noites do campo:  
Umas braucas pela lua  
Outras de brilhos tão nuas,  
Só com a luz do pirilampo!  
Cantigas em desalio  
Já na eira, já no rio,  
Mais longe o som de um tambor!  
De cajueiros no centro  
Nossa casinha, e lá dentro  
Doces conversas de amor!

« Campos de tantas palmeiras,  
Palmeiras do meu sertão,  
Montes, rios, cachoeiras  
Do meu patrio Maranhão! » (6)

O Sr. Serra tem talento especial para as quadras. As suas concepções são curtas, mas vivas. São resuínos de grandes vistas ou concentrações de grandes sentimentos. Não tem um so livro que passe de cento e cincoenta paginas; mas dentro de tão pequenas molduras desenhia feições e puineis que talvez apparecessem pallidas ou desbotadas si fossem maiores as dimensões da tela.

Isto se vê muito melhor no seu livro *Quadros* (7) ultimo que deu a lume.

Como os *Versos de Pietro de Castellamare*, tem uma parte que se compõe de traducções, particular em que a sua penna é muito distincta. Rogeard, Hermogene, Irisarri, Thomaz Moore, Blanco, Cuartin, Carponcho, Ricardo Palma contribuíram com suas flores para esse ramilhete loução.

A parte original, intitulada *Sertanejas*, a parte que verdadeiramente justifica o titulo da obra, versa sobre assumptos locais—festas populares, crenças, preconceitos, costumes campestres. A *missa do gallo*, que põe em revolução a gente do povoado, a *casu maldita* que recorda uma tradição de saugue; o *desafio á viola* tão communi, e sempre tão grato, nas festas do campo; a *cruz da estrada*, representação de uma tragedia de morte; as *almas penadas*, restos de creuças populares que ainda se deparam no interior das nossas provincias; o *feitio*, typo dos engenhos e fazendas; o *cabullo acuado* que refuga passar por certo logar; o *mestre de resa* que ajuda encontrei na capital do Pará

(6) Obr. cit. pag. 71.

(7) Rio de Janeiro, 1873.

tirando a via sacra; *rasto de sangue* que não é sinão a rapida pintura de uma lucta entre a onça e o touro; o *roceiro de volta*, critica muito fina aos costumes do interior; a *desobriga* com que tanto se assanha o mulhero e que tantos episodios, já grotescos, já simples e innocentes suggere—eis os quadros que o Sr. Serra, põe diante dos olhos do leitor, com vigor de tintas que não é commum.

Si em todos estes assumptos alguns se apontam que poderiam encontrar analogas nas provincias do sul, outros são puramente do norte; e quando os assumptos podem parecer-se, as cores, o vocabulario dão uma feição particular á pintura que não se encontra nos quadros dos poetas do sul.

Desle o Maranhão J. Serra cultiva largamente o *folhetim* e a *critica litteraria* e *dramatica*.

Não tendo porem publicado livro algum em que appareçam colligidos os escriptos dos mencionados generos, sou levado a concluir que a sua predilecção é pela poesia, revelan-so nesta, como qualidade predominante a apreciação faceta, o *épigramma*, que não offende, mas mõe, *epigramma* fino, gracioso, que desperta riso naquelle mesmo em quem recale.

Estava já escripta esta rapida apreciação, quando me vieram ás mãos esclarecimentos completos sobre o illustre jornalista. Infelizmente, a urgencia que exige esta publicação não me permite aproveitar agora as referidas informações.

FRANKLIN TAVORA.

## TRANSFORMAÇÃO

Outr'ora, quando não te conhecendo,  
no meu olhar o teu olhar não via,  
a minha vida era um inferno horrendo,  
toto cercado de melancholia!

Aves e flores, toda a natureza,  
e tudo quanto d'ella existe, tudo  
a alma indifferente olhava, presa  
de um profundo pezar secreto e mudo.

Semi-morto, tremente, a fraquejar  
como a aza de um fraco nassarinho,  
vivia o coração em desalinho,  
vivia o coração sempre a penar.

Mas um dia te vi, e desde a hora  
em que surgiu-me tão feliz ventura,  
a alegria rompeu como uma aurora  
na minha vida horrendamente escura.

E desde esse momento inesperado,  
outra alma mais forte e mais valente  
senti que me arrancava alegremente  
daquelle antigo cahos amargurado.

Hoje que vivo de te vêr, formosa,  
hoje que vivo, flor, do teu olhar,  
sinto no peito um coração que gosa!  
sinto no peito um coração te amar!

RICARDO AZAMOR.

## O POETA FAVORITO

A ARTHUR AZEVEDO

O de Luizinha era um de nome Fulano Val-verde, autor de dois livros de versos, ambos ruins e debilitantes, como dois dias de abstinencia.

Entretanto Luizinha adorava-os; habituara-se ás estrophes pulhas do poeta, cheia todas de logares -- comuns, de pombas gemebundas, de suspiros da tarde, murmurios de regatos e outras parvoíces do mesmo jaz.

Os versos sabia-os quasi todos de cór. Para lê-los e mais se compenetrar da magia que lhes achava, tinha por costume preparar o *mise-en-scene* á tardinha, no fundo da chacara do papai, a bordo do tanque, onde brincavam peixinhos dourados, debaixo das laranjeiras em flor, illuminado tudo isso pelos ultimos raios do sol-poente.

Como lhe sabiam bem nesses momentos os versos do seu bardo!

Si pudesse, passaria toda a sua existencia assim, muito ealevada, inconsciente do mundo e da realidade da vida, num constante estado de extasis contemplativo.

Era tão doce aquillo!...

E por um trabalho de lenta infiltração, no espirito de Luizinha não havia outra preocupação o não ser a delicia ineffavel, a dulcorosa harmonia do ser poeta, a linguagem ardente e apaixonada daquelles dois livros que lhe pareciam mais macios do que a polpa de um côco verde.

Tinha para si a romantica donzella que o seu querido autor só podia ser um rapaz de vinte annos apenas, louro, pallido, candido, com um sorriso de creança e bello, como um nocturno de Chopin.

Fantasiava-o vestido á moda dos pastores da Arcadia, cabelleira basta, solta sobre os hombros, desaliando os beijos da brisa vespertina, de bucolica avena, sempre preparado para as mavisas serenatas das noites estrelladas.

Como o adorava! Com que delirio o apertaria de encontro ao seu palpitante, para ouvir-lhe então, da propria bocca, as inspiradas endeixas, os delicados malrigaes, os bouitos idyllios feitos de um raio da lua sobre o espeelho de um lago!

Todos os outros homens amesquiilhavam-se, desapareciam quasi em sua imaginação enferma.

O Val-verde unicamente lhe enchia toda a alma, vibrava-a como as cordas de uma lyra, omprestando-lhe uns tons de luz crepuscular peneirada pelas frangas das florestas bravias.

Essa continuada excitação para um idealismo absolutamente incomprehensivel deu em resultado, como era natural, uma especie de estado morbido representado por uma como alienação completa das cousas reaes, um eterno divagar pelos espaços azues dos sonhos sem fim.

Foi lentamente se fazendo outra no physico e no moral: os olhos dilataram-se, pouco a pouco, tornou-se pallida, evitava a companhia de quem quer que fosse para estar muito só, no silencio do jardim, relembando as estrophes do seu vate pre-lilecto com a vista pregada nas nuvenzinhas brancas que empennachavam o azul do espaço.

Houve até quem a chamasse idiota. Felizmente curou-a um acaso.

Por instancia do pai resolveu-se Luizinha a ir a um baile em casa do barão X.

E' inutil dizer que não dançou uma só vez.

Aborreciam-na todos aquelles sujeitos, igualmente vestidos, monotonos nos trajés e nas poses, vulgares no modo de cumprimentar, de dizer amabilidades, sem que um só, ao menos um, se salientasse dos outros por qual-

quer cousa de mais nobre ou de mais elevado.

Achava-os de um ridiculo esmagador, estreitamente mettidos em funebres casacas pretas e colletes abertos, curvados, como arcos, diante das moças de quem solicitavam uma valsa, com um eterno sorriso inexpressivo constantemente engatilhado no canto dos labios.

Não aceitou por consequencia nenhum cos cavalheiros que lhe pediam a honra de uma contradança.

Para matar o tempo entretinha-se conservando sobre o seu poeta favorito, com uma antiga companheira de collegio, que tambem não dançava, por se sentir ligeiramente indisposta.

Como de costume, repetiu pela millesima vez o panegyrico do Val-verde; manifesta o seu enthusiasmo pelo estio inexcedivel do bardo e acabar, depois de uma arrebatada manifestação de apreço, dizendo que só lamentava não o conhecer.

— Pois, olha, é facilissimo, diz-lhe a amiga, posso t'o mostrar sem me levantar daqui.

E apontou para um grupo que conversava a um canto do salão.

Luizinha sentiu-se tomada de subita commoção; ia conhecer o seu idolo, o apaixonado autor dos versos que tanto a encantavam.

Foi com verdadeiro sobresalto e alentadas palpações no coração que acompanhou com o olhar a direcção indicada pelo dedo de sua interlocutora.

Mas terrivel desillusão a aguardava.

Em vez do pastor louro e polido, appareceu-lhe diante dos olhos medoulo, com um pesadelo, o typo completo de um Saneio Pauça, burguez e chato, com uma moeda de cobre asinhavrada.

O Val-verde era um esboço do Quasi-modo.

Representava cincoenta annos de idade; a cara larga e vermelha tinha por moldura uns cabellos eriçados, com profundas soluções de continuidade.

De bigode nem sombra. As pernas formavam duas curvas irregulares, fechadas na parte inferior por duas furdaveis lanchas de reboque, com a força necessaria para arrastar o respeitavel abdomen, empinado e saliente como o bojo de uma pipa.

O traje estava completamente de accordo com o typo: largo e mal arranjada casaca de abas muito longas, collete de velludo preto, de dois botões apertados, deixando ver a grandeza da phenomenal barriga, modelada pela camisa fechada por passadores de ouro do Porto, muito em moda no tempo do D. João IV.

Luizinha sentiu sensação identica á que se exprimenta quando passamos de um salão inteiramente illuminado para um campo em completa escuridão; a figura grotesca do Val-verde esvasiou-lhe a alma, dissipou-lhe os sonhos e deu-lhe um tombo subito do ridente paiz das scismas vagas para o terreno crú das suas realidades.

Pretextou um incommodo e retirou-se.

No outro dia não foi mais para a beira do tanque de peixinhos dourados lêr os seus versos queridos debaixo das laranjeiras em flor.

Estava curala da mania do poeta favorito.

OLIVEIRA E SILVA.

## NAUFRAGIO DO CORAÇÃO

AO POETA E AMIGO DR. BITTENCURT SAMPAIO

Viste, Poeta! a náu das minhas alegrias  
Ir bordejaado além, por esse mar a fóra?  
Foi cheia de illusões, de crenças, de utopias...  
E o que ha de ser de mim, sem ter mais nada, agora?...

Como é triste lembrar que se foi tudo embora,  
N'essa náu, tão pequena e fragil, que hontem vias  
Ancorada na praia, alegre como a aurora,  
Tremendo ao perpassar das rijas ventanias!...

Agora no alto mar; os vagalhões do oceano  
A luctar e n rugir, num desespero insano,  
Lançam-na á solidão da eterna profundez!...

Que naufragio!... E ao mar as aás se precipitam...  
O mar — é esta existencia ende as paixões se agitau;  
E a náu — é o coração que enchi de mais, talvez!

MUCIO TEIXEIRA.

## Naturalismo e Pessimismo

Em paiz nenhum mais do que em Portugal foi a litteratura perturbada pelo movimento scientifico.

O advento do romantismo, como pondera Theophilo Braga, (1) deu-se muito tarde em sua patria, e justamente quando triumphava em França a phase de 1830.

A Alexandre Herculano, talento proprio á absorpção das formas que esplendiam na *Notre Dame* de V. Hugo, coube o empenho de encorporar-as á litteratura portugueza. O autor do *Eurico* declamou com uma emphase não destituída de energia; e, digam o que disserem, soube vasar seu estylo epico os seus enthusiasmos de propheta embezerrado. Ha nelle um tom que agrada, que interessa, e na phrase um colorido que não podia deixar de apaixonar a mocidade de seu tempo. Essa vibração, porém, não devia durar em Portugal tanto tempo como em França, por isso mesmo que vinha já de contra-golpe.

A pressão do movimento scientifico não tardou, entretanto, em fazer-se sentir ali, e em 1864 Anthero do Queatal e outros começaram em Coimbra uma furiosa campanha contra o engastamento dos chefes da escola romantica. No prologo da *Visão dos tempos* Theophilo Braga declarava pouco depois que «a alliança da poesia com a philosophia tal era o ponto de partida da ultima phase da arte no seculo XIX». Por este grito de alarma vê-se de que natureza eram as preocupações que á mocidade portugueza trouxera a critica moderna.

«A aspiração da liberdade, servida, dizia o mesino escriptor, pela dissolução metaphysica manifestou-se em Coimbra, principalmente na forma da poesia» (2) e por consequencia esse

(1) O romantismo entrou em Portugal principalmente pelas traducções dos romances de W. Scott de Rannalho e Souza e pela do *Osborn* de Fialho Gouveia e Marquês de Alorna as quaes segundo afirma Th. Braga (*Historia do romantismo em Portugal*, 469) «passaram despercebidas», sendo necessario que Garrett o Herculano emigrassem para que sentissem em que verdadeiramente consistia aquella renovação litteraria.

(2) *Odes Modernas*, 80.

procrastinado aucto de reforma não teve outra direcção senão a que podia ministrar o espirito de destruição dos roactores. Os coimbrões alimentavam desejos ardentes; mas estes desejos não deviam corresponder, como de facto não correspondiam, a uma transformação effectiva do sentimento, nem mesmo a uma comprehensão exacta do que lavrava no coração da Europa artistica e scientifica. Atacou-se Castilho, atacou-se Herculano, no presuppuesto da existencia de uma nova poética; mas em ultima aalyso as injuncções dos iconoclastas eram arremessadas aos clarões da musa do romantismo ajudada do mesmo aparelho de tropos e figuras paradoxaes de que se utilizava Herculano, apenas com uma differença substancial, e era a do uso da terminologia haurida das formulas scientificas. Esse hybridismo a urrar ao lado de um vetusto empolamento e que com alguma razão deu cabimento á pergunta do auctor do *Eurico*—se aquillo era alguma cousa mais do que um gongorismo scientifico,—esse hybridismo hyperbolico traduzia bem claramente o verdadeiro estado de espirito dos que o punham em evidencia. As idéas ainda mal digeridas não tinham tido tempo de transformar-se ao abstractum de que emergiria o estylo proprio e a expressão conveniente.

Para prova disto basta lembrar que um destes coimbrões, em uma obra de critica scientifica, ainda em 1830, dava do genio esta definição que faria empallidecer um discipulo de Carlyle: «O genio é a falta de consciencia das forças que se agitam dentro do individuo o ao mesmo tempo a applicação dessa lucta que a humanidade admira em creações eteraas; é um aleijão que opprime o que o traz, o a que nós fazemos a apothese, que invejamos sem saber que fogo lento gera essa febre da inspiração, essa allucinação de luz que o faz ver em todos os tempos, em todos os logares, como uma intuição prophetica que assombra; o genio é como uma harpa eolia, através da qual perpassam as ondas sonoras das gerações, que a vão ferindo e desferindo para ouvirem o canto das suas tristezas, dos seus desejos, dos seus sentimentos... e apparecem quando as circunstancias

os evocam para virem dar forma e impulso que precisa renovar-se.» Substitua-se n'este e noutros trechos a palavra—circunstancias—pela expressão—infinito—do auctor do *Sartor resartus* e terse-ha o fundo conceptual dos reformistas de 1886, monstros horacianos, que perdidas as azas dos poetas da velha escola, rastejam imitando sem querer com os contos tropeços o vôo dos seus antepassados.

Vejamos como Anthero do Quental, apesar do seu brilhante talento, alevanta-se no vôo do velho condor.

« Emquanto

Da Historia o solo tragico, regado  
Com o sangue dos tempos, anda em dores  
Concebendo um mysterio—porque dentro  
Em seu seio, num rego tenebroso,  
Não sei que mão deitou uma semente  
Escura mas divina, a do Futuro!  
Ha de crescer até ao céu essa Arvore!  
Ha de vingar o bafo o ar que respira,  
E' o Desejo do homem, essa eterna  
Aspiração, essa atmosphera ardente  
Aonde bebe vida quanto ha grande,  
Quanto de novo e estranho á luz se eleva!  
Ha de crescer essa arvore divina!  
Porque as raizes della vão, na sombra,  
Buscar a vida ás duas largas fontes  
—Alma e Verdade—e a sciva que a alimenta  
E' progresso... e é o chão a Humanidade.»<sup>(3)</sup>

As *Tempestades sonoras* de Th. Braga apresentam especimens d'esta orlem:

«Na longuica soidão d'ignotas plagas,  
Esquecido na paz da sepultura,  
Em meio d'átras, ponteagudas fragas,  
Dorme uua testemunha da Escripura.  
Poisam em bandos as aves aziaças,  
Ali, por noite tormentosa e escura!  
Guarda-lhe a campá Leão robusto e velho,  
A dura garra posta no Evangelho!  
E disse-lhe uma voz de dentro: «Acaso  
Dormes quieto o somno do jazigo?  
Ergue-te, vai do oriente ao extremo Occaso;  
Si vieres um dia ter commigo,  
Vem contar-me do mundo o extranho caso,  
E onde a sombra da cruz abastae abrigo!  
Parte! embora pela amplitude o vento  
Disperse folha a folha o Testamento.»

Os reformadores, afinal, tinham nma idéa clara e precisa e ara a do atrazo do paiz, das suas sciencias, das suas letras, das suas artes, de tudo. A necessidade de acabar com o ridiculo prestigio de Castilho, que nem ao menos soubers fingir-se romantico, escrevendo a *Noite do castello* e os *Ciumes do bardo* por equivooco, impunha-se como um programma, e não doam as mãos aos seus auctores por tel-o realizado com a maxima energia. (4)

«Deixando de inspirar-se do ideal do christianismo», declara ainda o auctor citdo, explicando o novo credo, «a poesia foi rasgadamente ante clerical, socialista, republicana vermelha, humanitaria», o que queria dizer que elles tentavam esmagar Herculanio e V. Hugo atirando-lhes os seus ideaes como idolos vencidos e inuteis, mas não perdendo o sestro de envolvel-os na clamide da ode, nas visualidades da apotheose, nas gambiarras da antithese do velho repertorio. Verdade é que o historiador d'essa phase litteraria apressa-se em dizer que isso não passava de um movimento provisorio, en-

(3) Th. Braga, *Theoria da historia da litteratura portugueza*, 142.

(4) Tive em minhas mãos uma carta de Castilho Antonio, dirigida ao irmão residente nesta Corte, que seria bastante para justificar todas as injurias dos coimbrões. O *Mito portuguez* declarava e tornava a declarar, e a paridade que nunca podera comprehender Shakespeare e Goethe. Segundo a sua opinião o primeiro não passaria de um ebrio e o ultimo de um auctor de mixtíforos. Entretanto não duvidou traduzir o *Fausto*.

tretido enquanto a critica encarregava-se de disciplinar os artistas e preparar estado positivo. O que, porem, é para admirar é que esse hugoismo retardatario ainda hoje constitua a nota predominante dos poetas portuguezes. A disciplina apontada não progredio fundamentalmente, e a concepção da arte, apenas perturbada em uns e mal encaminhada em outros, com excepção de um Eça de Queiroz no romance, de um Oliveira Martins na prosa narrativa, apresenta todas as indecisões dos que querem nadar em pratica da natação, doe que pensam poder enchergar sahindo de uma cripta immunda e escura.

O ingresso, pois, de Zola, de Richopin, dos Goncourt em Portugal em pouco tem melhorado as condições de desenvolvimento de talentos como o de Guerra Junqueiro, em quem, apesar de tudo quanto delle possam dizer, o que mais explende são as reminiscencias atavicas da tuba sonora e bellicosa. Como que não lhes foi possível ainda, por uma especie de engolfamento ethnico, fazer estalar a medula e convulsionar as entranhas com a presença do verdadeiro sentimento do real, produzindo-se por consequencia um desequilibrio entre o prodromo desse sentimento e a nova forma rehuscada, sempre a confundir-se na elasticidade da expressão com os residuos do passado. Mas tudo isto tem sua explicação e para autorizal-a com uma opinião irrecusavel, lembrarei que o phenomeno accusado não passa do que Spencer chamaria um *estado de consciencia* em via de formação, estado diffuso, incapaz portanto de offerecer base ao nusus esthetico e a apprehensão dos precisos elementos para a sua expressão definitiva. (5)

Em Portugal e no Brazil muito se tem escripto e fallado sobre realismo n'estes ultimos tempos, com mais ou menos ardor. Na maior parte, porem, dos casos me parece não só ter havido confusão no espirito dos criticos, como illusão no dos auctores que tentam alterar os seus processos artisticos e retemperar o seu estylo merguhando as suas armas na onda intellectual do seculo. Essa confusão e illusão fundem-se em um só ponto de vista que reputo falso. Tem-se procurado fazer acreditar que naturalismo e pessimismo são coisas identicas, e que da mesma maneira porque o romantismo, no principio do seculo, procura toda a sua força do enthusiasmo, do lyrismo, do pittoresco, do delirio ideal, o naturalismo devia buscar a sua mola capital no nihilismo resultante de um analyse lenticular Semelhante hurta, porem, não resiste á mais pequena reflexão, desde o momento que se confrontem as duas situações e se verifique que no primeiro caso existia um movimento colectivo, a que não erão indifferentes as mais infimas camadas populares, que si não faziam odes ao menos comprehendiam-as, ao passo que actualmente essas mesmas camadas vivem estranhas á litteratura, não sahem se os livros ou os jornaes exploram essa cousa denominada pessimismo, e se soffrem, em consequencia das condições sociaes, se choram, se cantam mesmo as suas dôres, o seu choro e os seus cantos verdadeiros são ahafados e substituidos pelas blasphemias de um blasé que gosa como pode do seu *blaséismo* e por uma turba immensa de

(5) Spencer, *First principles*, § 24 e seg.

rafinés bem aquecidos nos divans dos seus aposentos ricamente aparelhados.

Ora é evidente que esse pessimismo de uma classe que, verdadeiro dilstante, se apraz em entristecer-se com os males que não são seus e que não pode portanto comprehender nem exprimir, d'essa classe que, porque bem o quer e bem o pensa, se vai inspirar no ambiente limitado e deprimente dos laboratorios, aonde se calcula o que é a natureza mas não se a sente em acção; esse pessimismo rebuscado, em grande parte devido á falta de hygiene mental dos artistas, esse pessimismo, repito, nada tem de commum com o movimento geral do seculo, nem pode seriamente, senão com a franqueza louvavel dos decadentes, ser reclamado como fundamento da nova arte e dos seus ideaes.

Não é, pois, sem desgosto que consigo lér em um escritor da estofa de Ramalho Ortigão paginas assim concebidas:

«O que é toda a grande litteratura moderna, na poesia, no romance, nos estudos psychologicos, senão o grito sobreagudo da alma do seculo, sentindo se afundar no universal naufragio de todas as crengas?...

Todo o artista de hoje é um mais ou menos temerario investigador do segredo do universo regressando da sciencia como Dante do inferno, palido da commoção do tragico desengano... A desconsoiação intima e profunda, que constitue o cunho caracteristico dos romances desses escriptores, de todos o que mais nos commovem e nos interessam, porque d'entre todos são elles os que mais reslmente nos offerecem a imagem dos nossos proprios estados nervosos, o seu apparente pessimismo, a vaga sounhra de misanthropia que envolve odo o seu processo de analyse e de invocação creativa, não são como alguns cuidam, casos esporadicos do mal extravagante a que podemos chamar a doença de Schopenhauer.

«São simples documentos artisticos da enfermidade geral do seculo... A tristezza morhda dos nossos ideaes procede da crise em que se revolve o pensamento moderno: faltou-nos a segurança estavel da fé, e ainda não encontramos fundo sufficientemente solido em que morderse e agarrasse a ancora da certeza scientifica. Naufragamos todos...

«Na falta de *causas eternas*, os artistas, famintos de absoluto, investigam os *effeitos immutaveis* no que fica do homem, quando nelle se extingue a visão do infinito, a saher: a miseria das paixões, tendo por movel a fatalidade dos temperamentos. Tal é a base de toda a esthetica do naturalismo no romance e no drama contemporaneo.» (6)

De sorte que, segundo o autor da *Hollanda*, o pessimismo em causa não é, como alguns suppõem, uma questão de casos esporadicos, de temperamentos postos em avidencia e imitados; ao contrario d'isso os escriptores que delle se resentem, de todos são os que mais nos devem commover porque são de todos os que mais realmente nos offerecem a imagem dos nossos proprios estados nervosos. E por este modo a esthetica, a arte que, a menos que não seja ociosa a exegese dos Taines, dos Scherer, dos Schmidt e de tantos quantos no folk

(6) *Historia de um anno*, revista de 1885, in *Gazeta de Noticias*, 1886.

lora s no estudo das litteraturas comparadas têm procurado as leis dos grandes movimentos do espirito humano, a arta passa a ser asfrida por um accidente de ecocla. que nom a estatistica demonstra seja de tamanha latitude, nem que haja sahido do circulo aristocratico dentro do qual agita-se e fenecce (7).

Ou su me engano, ou esse pessimismo, que so arvora em handeira de escola, não tem outro valor se não o que pode ter uma sobrevivencia do animismo semita, dessa superfectação, que, durante toda a idade media foi imposta ás raças indo europeas e cuja eliminção constitue o fundo de toda a lucta civilisadora dos ultimos seculos. E, a ser isso verdade, como estou persuadido, o pessimismo não é o caracteristico da epoca actual; enfermidade inveterada que assustou os nossos antepassados e tirou-lhes a alegria, apresentando-lhes continuamente diante dos olhos a sombra pavorosa da morte, o nada da vida e a renuncia dos bons terrestres em troca do reino de alem tumulo, esse pessimismo de forma alguma pode hoje intensificar-se, senão desvanecer-se aos clarões das sciencias naturaes, que restituem ao homem a natureza, a terra e ao aria os seus engolfamentos de luz. Como em taes condições admitir que a contemplação objectiva do mundo e o contacto do real tenha vindo produzir esse deploravel estado de fraqueza quasi tocando as raizas da insanía? Não. Nada disto tem cahimento em litteratura; e os criticos desalentados que reconhecem e pregam a esthetica do pessimismo são victimas de uma deploravel refracção do raio visual. Elles tomam uns restos de romantismo deteriorado, uns retalhos de misticismo decadente como um resultado dos adiantamentos da sciencia. Tão deploravel e quivoocação não pode explicar-se se não por uma leitura superficial ou maliciosa de paginas autorizadas, como por exemplo as de um James Sully, que analysando, em uma obra substancial, a natureza e origens do pessimismo moderno, ora como crenga, ora como concepção philosophica, chega a considerar pelo lado pratico esse estado psychico, igualmente com o optimismo, uma função, cuja significação permanente e valor effectivo tornam-se apparentes.

No desenvolvimento dessa idea, diz o insncionado philosopho, acompanhando Lange «a sociedade vive e prospera, com tanto que o resultante das numerosas forças de crengas componentes da opinião publica se dirija approximadamente para a região da verdade pratica. Pouco importa para a sociedade que A exagere tal idea, B tal outra, e assim por diante, com tanto, que o resultad, attingido pela colisão destas actividades intellectuaes seja sufficiente exacto. Appli-

(7) Está hoje fóra de duvida que uma das causas que mais tem concorrido para augmentar a intensidade desse sopro pessimista que sussurra em torno da litteratura franceza é o contacto dos litteratos slavos. Antes do advento de Zola já na Russia eram saboreados os romances dos nihilistas doutrinaríos Pisemsky, Dostoivsky, Tcherniaschewsky, Ouspensky e do Conde de Tolstói. Vid. Courriérs, *Litterature Contemporaine en Russie*, 200 e seg.; Petroiw, *Quadro da litteratura russa*, 177; Platão Vaxel, *Quadro das letras e sciencias na Russia*, 31.



Quando este pensamento áquellas ideias oppoetas, pode se affirmar que existe logar para cada uma das indicadas crenças no feixe das forças intellectuaes que fórma o pensamento pratico de um povo.

A sociedade poder-ss-ia governar sem duvida por meio de alguma doutrina intermedia e mais exacta do valor da vida; mas no emtanto ella descobre o meio de fazer quasi o mesmo com o auxilio de uma combinação da qual de doze pontos de vista extremos. Um pouco de reflexão mostra com effeito que as tendencias do optimismo e do pessimismo estão amhas profundamente enraizadas nas necessidades da vida social.» (8)

Neete presuppsto, attendendo ao que actualmente se passa na Alemanha e na Russia, não dando a Schopenhauer e a Hartman outra influencia alem da que possam exercer o estylo e o mysticismo de um, a clareza e o apparelho scientifico de outro, o analysta, ao mesmo tempo que houver considerado a doutrina pessimista como uma repercussão de certas,—certas tome-se nota—condições geraes do sentimento europeu contemporaneo, entre cujas causas enumerará a anterior e energica manifestação do pessimismo litterario de Byron, Leopardi e Heine, e as circunstancias especiaes da vida social e politica da Alemanha; o analysta, repito, não se esquecerá de declarar que o pessimismo moderno « não é um desenvolvimento logico do pensamento europeu, ao contrario, apezar de seu esforço para enxertar-se na sciencia moderna, elle constitue essencialmente como uma planta exotica no solo da philosophia europea.»

(9) O pessimismo, portanto, não passa de uma adopção, não é um fructo espontaneo das raças a que pertencemos, e como tal manifesta-se com um caracter de superfetação, de provisoriamente perfeitamente visíveis.

Assim seria a mais rematada das loucuras, sobre elle fundar qualquer systems, o que importaria o mesmo que basear a philosophia e a arte sobre um só dos cinco sentidos.

ARARIPE JUNIOR.

(Continúa)

(8) J. Sully, Le pessimisme, 435.  
(9) Obr. cit. 424

## O AMAZONAS

Do Brazil em seu leito perfumado  
Corre immenso colosso magestoso,  
E colhe dessa lucta, na carreira,  
O triumpho talvez mais portentoso!

Vê d'um lado o infinito scintillando  
Perguntar:—Amazonas, tu não canças?  
E d'outro a natureza murmurando —  
Tudo vences no mundo, tudo alcanças!

E Deus, o proprio Deus se curva e chama  
Em brados decretando ao firmamento:  
—Duas cousas no mundo não se medem  
O Amazonas e tu, ob! Pensamento!

MARIA C. V. DA CUNHA.

E' preciso que o temor de fazer ingratos não impeça de fazer felizes.

D'HOUDETOR

## Estudos de Litteratura Brasileira

GONÇALVES DIAS

(Paginas de um livro inédito)

Chegamos ao segundo momento do romantismo brasileiro, — a base inaugurada por Gonçalves Dias. E' o seu ponto culminante. O poeta maranhense e Joaé de Alencar, o celebre romancista do Ceará, são inquestionavelmente os dois mais illustres e significativos typos da litteratura romantica entre nós.

Talentos omnimodos, quer um, quer outro, prendem-se pelo laço commum do indianismo e pela patriotica empreza de, evitando os moldes portuguezes, dar cores proprias á nossa litteratura. Caminharam impavidos para a frente, guiados por seu ideal, alentados pelo enthusiasmo das boas causas.

Quasi não ficou um recanto da litteratura em que elles não puzessem as mãos, e com ellas os hrilhos de seus talentos e os sons festivos de suas victorias.

Na poesia, no theatro, na historia, na ethnographia Gonçalves Dias fez-se ouvir com elevação e inquestionado valor.

Romance, drama, comedia, felhetim, politica, critica, polemica, poesia, por tudo passou José de Alencar, e seria preciso torcer e marear a imparcialidade da historia — negar-lhe os desusados titulos de seu merecimento.

Eu não sou e nunca fui indianista; sempre estive na brecha batendo os exaggeros do systema, quando das mãos dos dois grandes mestres passou ás dos sectarios mediocres. Mas esse velho, e por mim tão maltratado indianismo, teve um grandissimo alcance; foi uma palavra de guerra para uirnoe e fazer-nos trabalhar por nós mesmos nas letras.

Conseguido esse resultado, os dois chefes calaram as tiorhas selvagens e empunbaram outros instrumentos.

E, desta arte, a mór porção do suas obras é construida fóra das inspirações do indianismo; mas as meliores, porque escriptas com toda a alma, são as que ficam dentro do circulo de sua acção.

E' por isso que as poesias Americanas são ainda e sempre as mais saborosas de Gonçalves Dias, e o Guarany e a Iracema os mais valentes romances de José de Alencar.

A maior vantagem do romantismo ontre nós, já o disse uma vez e o repito agora, foi afastar-nos da influencia, da imitação portugueza. O romantismo portuguez possuia um triunvirato, por todos admirado, su que era vedado tocar: Garrett, Herculano e Caatilhó. Tiveram no Brazil admirdores, e não tiveram imitadores. Isto é significativo.

Os talentos nacionaes, embelhidos na contemplação da natureza e da vida americana, e das bellezas da litteratura suropéa, não desceram até imitar os tres corypheus luzos.

Devemos isto aos Gonçalves Dias, aos Alencarss, aos Pennas, aos Macedos, aos Alvares de Azevedos, aos Agra-rios. Hoje Portugal alçou á altura de semi-deuses outro triunvirato — Rsmalho, Junquiro e Eça. Já não posso, já não pôds o historiador dizer com o mesmo intimo prazsr que os moços brasileiros não imitam os tres

portuguezs, que por sua vez não passm de subalternos copiadores de modelos francezes. E, todavia, bom grande vai a distancia entre a trindade portugueza primitiva e a actual. Aquelles tiveram momentos em que fizeram a verdadeira arte; os de hoje ainda não passaram do bibelot!

Felizmente a actual ahservienca a esses portuguezes não é geral no paiz; não tem passado de certo grupo e tende a diminuir. Oxalá os moços brasileiros em sua totalidade se convençam que em litteratura devem apenas consultar seu proprio genio; e, quando quizerem olhar para fóra,—lançam as vistas para onde ha o que vér. Pois quando ainda existem a Allemanha, a Inglaterra, a Italia e a França, é de espiritos preguiçosos ou de máu gosto, —cbergar só até Portugal.

Assim o entendeu sempre, entre outros, o illustre poeta maranhense de que nos vamos agora occupar.

ANTONIO GONÇALVES DIAS (1823-1864) não precisa que lhe tracemos a biographia. Este trahallo está feito, definitivamente feito por Antonio Henriques Leal no III vol. do *Pantheon Maranhense*. Consignarei apenas algumas observações que ellas me despertam. As datas ajudam-nos a comprehender a formação do talento do poeta dos *Tymbiras*. Elle é um completo producto de sua raça, do meio em que paasou a infancia e dos estudos que fez em Coimhra. As viagens posteriores de quasi nada lhe serviram.

Nascido em 1823, em Caixias, passou ali e em S. Luiz os quinze primeiros annos de sua vida. De 1838 a 1845 viveu em Portugal, formando-se em direito na Universidade Coimhrá. Foram sete annos que bastante lhe deixaram no espirito.

Passando rapidamente pelo Maranhão (1845-46), em meados de 1846 achamolo no Rio de Janeiro, que habitou seguidamente até 1854, fazendo apenas uma ligeira viagem ao norte (1851). De 1854 a 58 viveu na Europa, que tornou a visitar de 1862 a 64, anno em que falleceu de volta ao Brazil. O intervallo de fins 1858 a 62 passou-o em viagens pelas provincias do norte na celebre *Commissão das borboletas*.

Em 1862, antes de seguir pela ultima vez para o velho mundo, á busca de melhoras para a sua saude, tocou ainda rapidamente no seu amado Rio de Janeiro.

Gonçalves Dias morreu aos quarenta e um annos; destes treze a quatorze foram passados na Europa e o resto no Brazil.

Taes algarismos não apparecem aqui a esmo; comparados aquelles em que appareceram os seus livros, e já foram indicados quando nos occupamos do barão de Paranapiacaha, bem nos mostram que o poeta, morto em 1864 aos quarenta e um annos, si tivesse desapparecido em 1854, aos trinta e um, nós teriamos o nosso Gonçalves Dias completo.

Todas as suas obras foram escriptas até esse anno, comprehendendo os *Cantos*, os dramas, os artigos de critica da historia do Brazil, os *Tymbiras*, e o trabalho ethnographico sob o titulo — *O Brazil e a Oceania*. Em dez annos (1844-54) Gonçalves Dias desenvolveu pasmosa actividade. O ultimo decennio foi relativamente esteril: relatorios, dando conta de commissões que exercera e um punhado de poesias originaes e traduzidas — são os productos desse tempo.

De resto, cmpre notar que o poeta maranhense não passou por dois grandes flagellos que assaltam de ordinario os bomens de letras no Brazil: — a guerra litteraria e a penuria economica. O talento do poeta não foi jamais contestado. Contribuiu muito para isto o artigo encomiastico escripto por Alexandre Herculano sobre os *Primeiros Cantos*. Não pssou por grandes difficuldades para viver. Teve sempre smpregos e boas commissões.

Neste heitado foi de grande auxilio a amisads que lhe votou sempre o Imperador.

No moço maranhense temos quatro aspectos principaes, já o deixei vér: o poeta, o dramatasta, o critico da historia e o ethnologo.

Apreciemol-o, principiando pela sna feição preponderante — o poeta.

Ha vinte maneiras diversas de estudar e apreciar um escriptor. Podem-se procurar as relações geraes que elle teve com a cultura de seu tempo, mostrando o que lhe deveu e em que a adiantou; pode-se, em dadas circunstancias, indagar o que fez e o que representa elle na evolução intellectual de seu paiz; pôdem-se lhe desmontar o o espirito, procurando os elementos que o constituiram e qual a tendencia que nelle predomina.

Nesta investigação deve-se apontar a acção do meio physico e social, a parte da *natura* e a parte da *cultura*, insistir nos elementos hereditarios accumulados na raça, e os elementos novos provenientes da educação scientifica.

Pôde-se-lhe fazer apenas uma apre- ciação esthetica, a definição do genro em que figurou; pôde-se fazer a pintura de seus modos, sestros, impulsos *eticos*, quadro physiologico.

Pôde-se desflar o encadeiamento normal de suas idéas, quadro psycho- logico.

Pôde-se fazer a simples critica impressionista, dizendo o genero e a indole das emoções que nos desperta o auctor.

Pôde-se — que sei eu? — litterar-ss a gente a apontar simplesmente suas obras e conteúdo geral dellas, ou tomar um outro caminho qualquer.

Qual destes methodos vou applicar a Gonçalves Dias?

Não ssi. Digo o que penso delle, sem me preoccupar com systemas e amaneirados criticos.

O autor de *Marabá*, da *Mão d'Agua*, do *Letto de Folhas Seccas*, do *Gigante de Pedra*, do *Y. Juca-Pirama*, dos *Tymbiras*, que é tamhem o autor das *Sezilhas de Frei Antão*, isto é, o autor do que ha de mais nacional e do que ha de mais portuguez em nossa litteratura, é nm dos mais nitidos exemplares do povo, do genuino 'povo brasileiro'. E' o typo do mestiço physico e moral ds qns temos fallado repetidas vezes neste livro. Gonçalves Dias sra filho de portuguez e mameluca, quero dizer, descendia das tres raças que constituiram a população nacional e representavhalhas as principaes tendencias.

O mestiçamento, como se sabe, é no seu inicio uma fonte de perturbações e desequilibrios.

O mestiço é a depositario ds tendencias, indoles e inclinações diversas, que nem sempre acabam um ponto de apoio, ordem s fixidade. Dabi o seu caracter inquisito, contradictorio, anormal. Tal a razão da conatants turbulencia ds populações americanas.

Creio que foi Herbert Spencer quem primeiro tirou seguras illações desse estado physiologico dos povos do continente para a sua politica.—E' de esperar, porém, uma mais forte acção do tempo acabe por trazer a tranquillidade organica e politica a nós os americanos.

Nosso poeta aos africanos, o sangue que menos lhe corria na veias, deveu aquella expansibilidade do que era dotado, aquella ponta de alegria que não o deixa jamais e é especialmente notada em suas cartas.

Aos indigenas as melancolicas subitas, a resignação, a passividade com que supportava os factos e acontecimentos, deixando-se ir ao sabor delles.

Aos portuguezes deveu o bom senso, a nitidez e clareza das idéas, a religiosidade que o não abandonou jamais, a energia da vontade, as preocupações fantasistas, um certo idealismo morbido e impalpavel.

Juntai a tudo isto forte impressões de luzes e cores e vida e movimento, fornecidas pela natureza tropical, que se expande pela região em fóra, que vai de Caxias de S. Luiz; juntai ainda as scenas maritimas da primeira viagem a Portugal, não esqueçais os quadros da natureza e da vida provinciana no velho reino, e nem tão pouco os panoramas indescriptiveis do Rio de Janeiro e região circumvizinha; trazei a esse concurso de factos e circumstancias as leituras dos poetas latinos e modernos, o estudo das chronicas colonias, e tereis os elementos predominantes e fundamentaes do talento poetico desse valente e minoso lyrista.

Si Gonçalves Dias tivesse sido uma mediocridade, teria ficado exclusivamente naquella poesia piegas do tempo do *Trovador* de Coimbra, nota predominante na litteratura portugueza do tempo em que o maranhense fez alli o curso de direito.

Garrett, Herculano e Castilho em 1813 a 45, annos ultimos passados pelo poeta em Portugal, já tinham publicado suas principaes obras e já eram notabilidades indiscutidas.

Mas a evolução natural do romantismo tinha já attingido a phase do sentimentalismo affectado e esterilante. O maranhense, já de si bastante melancolic, aprendeu aquella maneira e deixou-se eivar da molestia geral.

O sentimentalismo é, por certo, uma das notas mais intensas do seu lyrismo; é preciso, entretanto, ser muito surdo para não ouvir que um inteno naturalismo americano, um certo mysticismo regiozo, e o calor e a effusão lyrica juntam ás notas monotonas daquelle sentimentalismo as volatas e as fanfaras de uma poesia variada, ampla, serena, meiga, ousada, embriagadora.

A volta do poeta para o Brazil, sua nova estada no Maranhão, sua subsequente partida para o Rio de Janeiro entram como factores na formação de seu talento. As primitivas impressões americanas tinham-se juntado as impressões do meio portuguez. Si elle tivesse sempre permanecido alli; si novas sensações, novas fontes de vida e poesia não se lhe vissem juntar no espirito, não teria passado, como Gonçalves Crespo, de um pequeno poeta delicado, geitoso, miniaturesco, porém mediocre.

O direito dizem os modernos juristas allemães sectarios do darwinismo, é uma função da vida nacional, é um producto cultural de uma raça; de um povo dado. Podemos dizer o mesmo

da poesia; ella tambem é uma função da vida nacional; uma poesia geral, para todos os povos é alguma coisa de analogo a um direito, uma lei para todas as nações.

E' por isso que o criterio ethnographico, introduzido por mim na critica brasileira desde 1869 a 70, é ainda hoje a meus olhos a base principal da comprehensão das litteraturas, nomeadamente a litteratura de um povo misturado como o povo brasileiro. Emquanto não houver aqui bem nitida comprehensão dessa ordem de idéas, a politica a vida social serão objecto de investigações e expedientes puramente empiricos, a litteratura e a critica serão apenas uma rhetorica banal mais ou menos habilmente manejada.

Que é, que vem a ser o povo brasileiro? Vou defini-lo por um meio indirecto.

Tres principaes factores o constituiram nos tres seculos colonias: — portuguezes, africanos e indios.

No quarto seculo, na época do imperio, a immigração tem atirado estrangeiros um pouco por toda a parte isoladamente; e nas provincias de S. Paulo Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul grandes levas especialmente de allemães, italianos e polacos. A capital e as grandes cidades superabundam de estrangeiros de toda a procedencia. O quarto seculo, o seculo do imperio, trouxe-nos, pois, um novo factor, que tende a crescer e espalhar-se, que já é bem forte em certas zonas e poderá sê-lo em breve em muitas outras.

Supponhamos agora que um partido se formasse entre nos e triunphantemente desse em toda a vida politica e social e litteraria pura e exclusivamente a preeminencia e o predomínio aos indios, aos ultimos representantes da população conquistada, seria justo? Não seria um ataque ao direito das outras classes do povo? A resposta está implicitamente dada.

Variemos a hypothese e figuremos o caso, não com os indios, até porque os que nos restam ou estão bem envolvidos e desfigurados em nossos populações do norte, confundido-se com ellas, ou vivem inteiramente selvagens e estranhos a nos uos ultimos recessos do paiz, figuremos o caso com os negros.

Supponhamos que, por um esforço ingentissimo e miraculoso, elles se reunissem e tivessem força para tomar em tudo a dianteira e dictar a lei a todos os mais que ficassem fora do privilegio da cor de *cabiúna*... Que acontecería? Levantar-se-ia um formidavel berreiro, que acabaria por armar a todos os brasileiros contra a onda negra. Seria o inevitavel resultado.

Mas, si a empreza, a tentação do demonio em tudo viesse ao espirito dos portuguezes aqui residentes, e elles, além de serem já os senhores quasi exclusivos do pequeno e do grande commercio, tomassem conta do parlamento, da governança, habilmente ajudados pele forte jornalismo que lhes já pertence. Qual o resultado? Armar-se-iam os nacionaes e a ferro e fogo teriamos de arrazar a pesada servidão luzitana.

SILVIO ROMERO.

(Continúa.)

## A ESCRAVA FIEL

Era uma pobre velha, enferma; num pardieiro  
Vivia com a filha,— um rosto alvo e faceiro.

Era uma arvore annosa, ao chão, toda esfolhada,  
E a filha—a extrema flôr do seio seu brotada.

Do arruinado lar fugiam-lhe os parentes;  
Podia-lhes fazer pedidos imprudentes...

Da filha—gabos só se ouviam a belleza;  
Mas... noivos não se buscam em meio da pobreza.

Além da filha, tinha um bem que lhe restava  
Dos bens do seu casal,— uma robusta escrava.

A negra era um arrimo, ainda mais, a amiga,  
Dessas que eterno laço á nossa sorte liga.

Emquanto a *sinhá-moça*, em riso, costurava,  
— Cantando,— como um mouro a negra trabalhava.

Coração nobre! todo amor e caridade,  
Não sonbava — ao dever entregue — a liberdade!

Ferros da escravidão (bem como a cruz de Christo),  
Darem jorros de luz tambem já se tem visto!

Aggravam-se da velha os fundos soffrimentos...  
Eil-a! já vai chegando oos ultimos momentos.

Que dôr! desesperada a moça soluçava  
E, no insano lidar, gemia afflicta a escrava.

A tardo passo vêm por fim alguns parentes  
Da moribunda ao pé mostrar-se condolentes.

No desamor dos seus, na gratidão á escrava,  
No futuro da filha, a velha então pensava...

Subito a *negra* lança o olhar que já não brilha...  
Diz: «E's livre e—sê mãe:— te entrego minha filha!»

MERICANO.

## Grave ou Esdruxula

Consintam-nos aventar, mas que por alto, questiuncula propriamente de alçada e jurisdicção da *Orthoepia*, complemento da *Phonologia*, na parte attinente ao modo de «pronunciar os vocabulos, segundo o bom uso» (*Lições de Grammatica Portugueza* — por João Ribeiro).

A *orthoepia* está comprehendida na *phonologia* ou *phonetica*, que é «o estudo dos sons constitutivos das palavras e suas transformações» (*A lingua portugueza* — por F. Adolpho Coelho).

Assim, pois, a questiuncula pbonetica ou antes *orthoepica*, é simplesmente:

E' grave ou esdruxulo o nome proprio da famigerada «cortezã do valle do Sorec?

Concretamente, é Dalila ou Dálila — o nome da heroína biblica, cuja lendaria existencia synthetisa o predomínio irresistivel dos encantos e seducções femininis no animo, embora varcuil, do homem forte e válido.

O publico fluminense conhece muito, e de largo tempo, o *drama*, em 4 actos e 6 quadros por Octave Feuillet, imitação portugueza por Antonio de Serpa, successor do illustre estadista Fontes Pereira de Mello na direcção do partido regenerador.

Nessa formosa imitação ha a scena

VI, de commovedora eloquencia, entre André Rossweiu e o diplomata Carnioli.

No magistral desempenho do papel de Carnioli, eis como, entre fervidos applausos, fazia o insigne artista-poeta, Furtado Coelho, a impressiva narração da scena do *Cantico do Calvario*. Não nos podemos forrar á satisfação de transcrevel-a por integra.

«Carnioli!..... Uma vez na minha vida que fallo seriamente, ha de me escutar!... Não venho directamente do Hespanha. Negocios de interesse me chamaram á Secilia, antes de tocar eu Nápoles, e fui passar uma semana numa casa de campo entre Paterno e Monreale... Uma tarde, ainda não ha seis dias, ao declinar do sol, atravessava um valle estreito, que altas collinas preservam dos ventos do mar, e que é nomeado no paiz pela salubridade do ar, que alli se respira.

Entre os mesquinhos pardieiros, espalhados neste valle, distingui uma habitaçãozinha modesta, mas asseada. Aproximei-me, impellido por uma curiosidade banal, e senti de repente do fundo de um jardim, para que olhava nma das faces do pequeno edificio, os sons graves e maviosos de um *violoncello*.

ANDRÉ. — Cavalheiro!

CARNIOLI.—Reconheci o arco... reconheci a mão!

ANDRÉ.—Por piedade, cavalheiro! CARNIOLI.—Cuidas que mo divirto com esta narração? Ponetrei no jardim... escondi-me sem estrondo atrás de umas arvores, e pude ver um grupo de tres pessoas, e que a ramagem de uma figueira resguardava dos ultimos raios do sol... Um dos tres era-me desconhecido... comprehendí que era um medico...

ANDRÉ.—Oh! Deus!  
CARNIOLI.—Os outros dois... Sabes quem eram? Só o velho me pareceu mudado... As feições da donzella mal se me afiguravam alteradas e não obstante, a sua attitude, a poltrona cheia de almofadas, em que estava reclinada, o brilho extraordinario de seus olhos, tudo me dizia que o medico era para ella... O velho deixou o arco e perguntou-lhe como estava...

—Melhor, disse ella sorrindo, mas só a Allemanha me curará de todo. Depois fechou os olhos e murmurou algumas palavras indistinctas, entre as quaes pude distinguir o teu nome.

ANDRÉ.—Pelo amor de Deus, cavalheiro!

CARNIOLI.—Minha filha, disse então o velho, conta-me esse segredo que te obstinas a guardar. Prometto não te amaldiçoar... elle enganou-te? Ella abriu os olhos. Não, não, disse ella fui que me enganei a mim mesma... Depois os olhos se lhe fecharam de novo, entrou uma especie de delirio... e accusava-te... e repetia as tuas palavras de amor...

ANDRÉ.—Oh! Maldito que eu sou!  
CARNIOLI.—Durante este tempo, os dedos do velho, descendo sobre as cordas, tiravam de quando em quando do instrumento sons... gemidos, que penetravam até o fundo d'alma... Ella acordou e disse: Meu pai, tenho dois favores a pedir-lhe... o primeiro é que me dê um ar de riso.—O velho tentou sorrir-se. Depois, continuou ella, que me toques hoje o *cantico do Cavalheiro*.

—Não, não, disse o bom velho com voz pungente, querendo simular uma alegria, no dia do teu casamento.—Ella sorriu e olhou-o fixamente; elle abaixou os olhos sem replicar. Com um gesto doloroso, sacudiu os cabellos brancos sobre a fronte, mais pallida que o marmore, e pegou no arco... Ouví então o famoso *cantico do Cavalheiro*... o *cantico sublime*!... (*Com voz soffocada*). Enquanto tocava, grossas lagrimas lhe caham, uma a uma, sobre as mãos tremulas e inspiradas... Chorava!... Chorava o instrumento... choravam as cordas... o arco, a madeira, o cobre... tudo chorava... O medico afastava os olhos... e eu comprimia os soluços!... Só ella não chorava... porque já não tinha lagrimas!

Revertendo a questiuncula, verdadeira nuga litteraria, de exiguo valor e mi circumscripto alcance, si é, que defeito, algo valor e alcance tem: Como se deve pronunciar o nome da heroína biblica Dêlita ou Dalila?  
A favor da ultima pronuncia figurada ha o uso frequente, geral; em abono da primeira, que não destoa do modo como são pronunciados os nomes proprios *Débora, Séphora, Gólgotha*, e os appetitivos *tamaras* (do hebraico *thamar*, palmeira e palma. «Thamar, diz Molvenda, *Genesis* cap. 14º v. 7º, *palmam significare notum est, Lusitani dactylos ta-*

*maras vocant.*) sabbado, (do hebraico *sabbat, cessar, descansar, repousar*, e tambem *repouso, descanso, cessação de trabalho*, porque os Hebreus guardavam este dia, segundo a lei, cessando de toda a especie de trabalho.) e outros vocabalos derivados do hebraico, podem ser invocadas as autoridades:

do padre Antonio Vieira, no tomo 3º n. 423 — loc. cit. por F. José Freire (*Candido, Lusitano*) nas *Reflexões sobre a lingua portugueza* — parte 1ª pag. 64, e por A. Cardoso Borges de Figueiredo no *Logares Selectos*, 13ª ed. (Lisboa 1876) pag. 115; e

de Almeida Garrett no *Prologo de D. Branca* (vej. 4ª ed. Lisboa—1861—pag. VII.)

Taes são as textuaes palavras do primeiro; «Deixo os que sobem aos postos pelos cabellos, e não com as forças de Sansão, senão com as forças de Dêlita»...

Eis us do segundo: «ora vem o ocio e a descrença politica e me adormecein nos braços das traidoras Dhálilas que me tosquiam razo como Sansão, e recao a fazer litteratura... aos pillisteus.

Ainda mais: no *Diccionario de rimas* por Eugenio de Castilho, na *relação das palavras a que se não achou rima*, se depare o nome assim escripto *Dêlita*.

Finalmente, ha no vol. *Cantos e Satyras* por Bulhão Pato a composição, que se lê a pag. 191, sob o titulo *Dêlita*.

O notavel polyglotta portuguez Santos Saraiva, autor do *Diccionario Latino* que «é uma encyclopedia viva» poderia facilmente, com seu esplendido saber, dirimir, de todo em todo, a duvidar que nossa provada ignorancia suscita.

Delle se pode dizer, de pleno direito: *Tu sais sur quel passage appuie ou court la voix,*

*Sous quelle fixe rigle un mot vibre et s'altère.*

A nós se pode igualmente, mas por infelicidade applicar;

*Je nombre le langage en comptant sur mes doigts.*

GUILHERME BELLEGARDE.

## BERÇOS E AURORAS

AO MEU AMIGO ULYSSES DE PAIVA

Ao despontar das alvas matutinas, quando o sol de remotos horizontes desce, tingindo os picaros dos montes das côres da alvorada, purpurinas;

quando ao vel-o das candidas boninas vão-se abrindo as corollas delicadas e as frescas rosas tremem orvalhadas nas bastes frágeis, humidas franzinas;

quando tudo sorri, tudo se enflora, cheio de sonhos ao romper da aurora, cheio de prantos ao cair dos dias;

penso nas loiras, candidas crianças que despertam repletas de esperanças, que fenecem repletas de agonias!

1887.

MAX FLEIUSS.

A vida é uma longa saudade da vespera.

MERY.

## A VIOLA

Eram sete para oito horas da noite. Gustavo subiu a escada com npressados passos, atravessou a sala de jantar e disse, seguindo sempre:—O jantar—; entrou no seu gabinete; poz o chapéu de sol a um canto, o de cabeça em cima da escrevanilha; tirou o fraque e o collete, que enfiou no espaldar de uma cadeira que estava junto á meza, desamarrrou a gravata e vestiu um paletot de palha de seda.

Onviase tocar em baixo e pouco distante uma viola.

Luiza entrou:

—Vieste hoje muito tarde.

—Tive muito que fazer.

—E correu-te bem aquelle negocio?

—A's mil maravilhas.—Depois, quando ajuda vestia o paletot, com o braço estirado, disse entre dentes:—Diabo!...

A esposa reparou em aquelle gesto.

—Estás com fome, não é?

—Muita.

—Agora sorris.

—Si estou contente...

—Mas ainda ha pouco fizeste cara feia.

—Eu?

—Sim, até disseste baixinho:—

Diabo!

—Ah! sim: foi por causa daquella viola?

—E que te importa a viola?

—Não sei... aborrece-me.

—Entretanto em moço gostavas das patuscadas na roça, e apreciavas muito os fados.

—E' verdade. Mas has de te recordar, tambem que te disse causar-me esso instrumento uma tristeza invencivel; uma saudade profunda e angustiosa.

—A viola é melancolica, é; porém, ao mesmo tempo humilde. E o Antonio toca bem: tenho estado por muitas vezes a ouvi-lo, ou daqui do gabinete, ou lá da janella da sala de jantar.

—Pois eu ao contrario: dá-me ás vezes vontade de despedir o Antonio, só por isso. Não achará elle outra cousa em que se entretenha?

—A viola é o instrumento do povo.

—Lêa, passeie mesmo. Que mania! é acabar o trabalho do jardim e pegar logo na viola.

—Antes, que dedicação! Elle, sózinho no seu quarto ás escuras...

—Deixa-te disso. Aquella viola faz uma balburdia de grilhos que me azouga os ouvidos.

Nesse tempo appareceu no quadro da porta uma creolinha retinta, de olhos espertos e dentes claros que vinha dar parte de estar posta ameza.

—Vamos.—E a esposa sarilhando os dedos com os dedos do esposo, o foi levando comsigo.

Depois de terminada a sopa e enquanto despejava no copo a garrafa de Bordeaux, Gustavo disse a Luiza:

—Sabes? O Almeida vai para S. Paulo.

—Pensei que já tinha esquecido.

—Pelo que elle calcula, dentro de dois ou tres annos terá feito fortuna.

—Não duvido; o que não posso acreditar é que vocês separem-se.

—Será difficil certamente: ainda fallámos sobre isso.

—Ora, si tu não passas um só dia sem vê-lo...

—E tenho razão. Hoje, porém, S.

Paulo está muito perto do Côrte, é apenas um vôo.

—Nem assim.

—A amputação é dolorosa, mas não ha remedio.

—Desmancha-se a viagem.

—Não, Luiza, elle pretende casar, e que não fará antes de encrreirar a vida; sem futuro...

—O futuro é elle.

—Bravo! Já fazes *calembourg*?

Luiza passou de um lado da meza para o outro e descobriu uma compos-teira.

—Doco de pecego.

—Ah! estou farto: esta laranja attestou-me. Comtudo deita-me um peçoginho para resabio.

Gustavo acabou de jantar e palitando os dentes, voltou-se para Luiza:—Vai tocar um bocado do piano.

A mulher fez uma viravolta graciosa com a cabeça, dobrando os olhos e alongando os labios, como quem diz: Me deixe!

—Que mau costume este! as nossas moças logo que se casam não querem saber mais de musica.

—E' que temos outra.

—Anda. Ao menos para matar aquella viola impertinente.

E foram-se.

Dahi a poucos dias a casa do Gustavo andava num reboliço: é que o Almeida partia definitivamente.

Este veiu á noitinha para arrumar as malas: A meza da sala de jantar estava atopetada de embrulhos.

O Antonio tinha salido essa noite para ns ultimas compras, e trazer certas encomendas. Por este modo foá riscada a importuna viola.

—Arranjaste-me a carta?

—Por força, fosse eu buscal-a ao inferno.—E Gustavo tirou das algibeiras um baralho de cartas: de recommendação.

—Oh! que cartomania!—E o amigo desabotando o paletot, saccou outras muitas.

—Parece um correio, disse Luiza rindo-se.

—Diga antes: uma verdadeira mala.

—Vê bem si te falta alguma coisa! Olha: isto não é uma carta, é o meu retrato.—E dizendo, tirou-o do envelope e deu-lho.

—Tiveste a mesma idéa que eu: cá te deixo tambem o meu.

—Para que isto, si ambos vão e ambos ficam?

—Tem espirito, D. Luiza.

—Escreve-me sempre.

—Si fosse possível dia a dia; haverá entretanto, um dia ou outro em que esteja longe.

—Escreve de lá mesmo.

Almeida fez sim com a cabeça.

—Vai seguro seu Almeida?

—Vou, D. Luiza. este anno o café ha-de dar rios de dinheiro.

—Deus o ajuda.

Deu onze horas.

—E' tempo de dormir para acordaram cedo.

—Ainda temos tanto que conversar? Vai deitar-te, Luiza. Vê a nossa pequenina. Sim?

—Hoje não matas os mosquitos?

—Logo; ou então faze as minhas vezes.

—Já sei, vocês conversam até amanhecer.

—Bem pode ser: não tenho somno.

—Nem eu.

—Suppõe que é uma noite de solo.

Luiza levantou-se: com o braço dobrado, o punho mais fechoado e o dedo indice erguido á frente da bocca, disse olhando para ambos:

— Não chorem, heim?!  
Almeida ergueu-se rapidamente, abraçou a moça.

Gustavo sorriu; que também abraçou-o, e depois, apertando-lhe a mão com a carícia de quem anima uma pombinha, levou-a aos labios.

— Até breve, D. Luiza.

— Até muito breve: o senhor não se demora.

— E si demorar-me, tenho certeza, de que irão visitar-me.

— Por mim estou prompta; até mesmo para ver S. Paulo.

De manhã cedinho Luiza sentiu os estalidos de passos miudos que iam nas pontas dos pés.

Eram os dois amigos—Damon e Pytbias.

Gustavo esteve triste todo o dia.

Luiza tocou muito piano.

A amputação tinha sido horrível, roubou parte do coração e parte da alma de ambos.

— Ah! que assim custa muito a viver! dizia Gustavo, e suspirava, apezar de todos os desvelos da consorte.

No dia seguinte foram passear a instancias della.

A' noite receberam a primeira carta; e outras repêtiram-se quasi dia a dia.

O negocio ia mesmo ás mil maravilhas: o café valia ouro em pó. E assim por muito tempo.

Almeida já morava num palacete; também tinha jardim; e convidava o amigo para seu socio. Só lhe faltava elle.

— E a noiva? perguntou Luiza...

Num sabbado Gustavo recebeu uma carta em que o amigo lhe participava que, terminada uma grande transacção em que entrara, e que o tornaria rico, daria um pulo á Côte para vê-los; abraçal-os e leval-os comsigo.

— E pode bem ser. Queres?

— Que duvida! Eu é que não posso separar-me de ti.

No domingo elle acordou satisfeito, tinha passado bem, foi um somno só. Como de costume, desceu com a mulher para examinar o jardim: as suas flores, as suas rosas eram o seu melhor divertimento.

Por fim sentaram-se num banco.

Antonio regava os canteiros.

— Bom dia, meus amos.

— Bom dia, responderam duas vozes.

Gustavo olhava para Antonio.

— Que estás reparando?

Parece impossivel que este homem, tão musculoso e sadio, toque viola.

— Apre! tu és serrazina.

— O' Antonio.

— Não lhe digas nada, segredou Luiza, a que o marido respondeu estendendo o braço e espalmando a mão diante ella.

— Meu amo!

— Tu não tens vontade de aprender...

Espera: tu sabeas lêr?

— Muito pouco... Sei apenas escrever á minha mãe.

— Porque não procuras um mestre?

— Hade me custar muito; porque, como diz o outro, barro velbo não toma passo.

— Não te consta nada. Tu és perseverante, quero dizer-te, tu és teimoso; basta que troques a viola pelo livro.

— Não entendi nada, meu amo.

— Deixa de tocar viola e lê.

— Eu posso fazer ambas as cousas.

— Ora, si podes fazer ambas as cousas, fazendo de ambas uma só, aprenderá dobrado.

Antonio fez um movimento desengonçado de quem não tinha entendido outra vez.

— A viola de nada te serve; entretanto que o livro pode vir a servir-te de muito.

— Ah! meu amo, a viola serve-me de muito: quando toco viola lembro-me de minha mãe, de minha terra. Tenho tantas saudades! Depois a viola é uma cousa tão bonita!

— Menos essa.

— Nem ha piano que dê na viola.

Luiza riu-se: Gustavo abaixando o rosto fez. *Chil* com cara de enjôo.

— O piano grita muito; mas oão é quem grita mais que pode mais. Antonio estava entusiasmado.

— Não digas essa asneira.

— Cada qual gosta daquillo que mais lhe sabe: a prima Angelica troca uma laranja por uma pitanga. A viola é uma recordação para o Antonio, gosta mais della; está acachado.

— E' assim mesmo, minha nma, a senhora sabe.

— Alem de tudo a viola não vale nada, e o livro pode servir de muito.

— Qual!...—E Antonio balançou a cabeça com ar negativo.

— Essa é boa! Pois tu não podes ser ainda um negociante, um ricaço, em fim?

— Qual! Quem nasceu para dez réis nunca chega a vintem.

(Continúa)

Desculdas-te um momento de te vigiar a ti proprio e gabas-te que recomerás quando quizeres.

Eugenas-t. Uma leve falta, boje negligenciada, te precipitará amanhã em outra maior; e esta negligencia repetindo-se, formará uma habito que não conseguirás mais corrigir.

EPICETO

## FESTAS, BAILES E CONCERTOS

(CLUBE DO ENOENHO-VELHO)

Com a costumada frequencia do elegantes e gentis senhoras, e distinctos cavalheiros, realizou brillantemente esta importante sociedade, a 29 do mez passado, o 52º saráu-concerto, reinando grande animação durante a noite.

Esteve explendido o concerto vocal e instrumental, devido á perfeita distribuição e á boa escolha das mimosas peças de que se compunha o caprichoso programma arganzado pelo illustre amador e prestimoso director dos concertos o Sr. Augusto Weguelir, que, tomando sobre si esta ardua tarefa, completa até aqui, fechando com uma cbave de ouro, 50 concertos por elle organizados no Club.

As distinctas e interessantes amadoras DD. Alice de Vasconcellos, Emma Weguelir e H. Rocha Lima, que geotilmente tomaram parte no concerto, e bem assim os notaveis artistas os Srs. Napumceno, E. Pollero, A. Bive-

lacqua, Fotterli; e J. Villares, desempenharam-se com todo o esmero e correção, sendo applaudidas calorosamente.

A parte dançante que se seguiu ao concerto; prolongou-se até de madrugada, e á distincta directoria, nas pessoas dos respeitaveis presidente os Srs. commendador Sebastião Pinto da Costa Aguiar, e procurador Francisco Antunes; Marcellos, os nossos parabens.

TIO ANTONIO.

## A MORTE E O CARNAVAL

Deotto de casa a confusão e o choro, O esposo e pai na ultima agonia: Na rua a mulidão, a vozzeria Os trezeitos, o momo sem decoro.

Diabinhos a caotar o insano côro Do tilntar dos guizos á porfia; Dentro, a vela que os crepes alumia Fora, o sol festiva, contente e louco.

Surdos, cegos vestiram-no de santo, Todos de joelhos na oração final Ungiram-no de beijos e de pranto.

— O' Morte, continúa o carnaval. Ell-o vestido de um fradresco manto, Lança-lhe ao rosto a mascara de cal.

J. DE MORAES E SILVA.

## Diversas Publicações

ESTRADAS DE FERRO, por Francisco Picanço.—Rio de Janeiro, 1887. O novo livro do distincto engenheiro brasileiro compõe-se, seguido elle proprio o affirm, de trabalhos originaes e de outros publicados na *Revista de Estradas de Ferro*, e reúne abundante cópia de informações technicas ácerca da viação ferrea.

Pensamos com o autor que estes estudos poderão ser uteis, assim aos profissionais, como áquelles que têm relações com a industria das estradas de ferro.

A competencia do Dr. Picanço em taes assumptos está solidamente firmada nos diversos escriptos com que tem enriquecido a litteratura patria, entre as quaes vem a pello recordar a *Viação ferrea do Brazil*, laureada com a medalha de Hawksbaw e com a medalha de prata da Exposição Universal de Antuerpia, em 1885.

ANNAES DA BIBLIOTHECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO, publicados sob a direcção do bibliothecario Dr. João de Saldanha da Gama.—1884—1885.—Volume XII.—Consta este volume de um notavel estudo biographico de Fr. Camillo de Monserrate pelo Dr. B. F. Ramiz Galvão.

Conforme está declarado em nota preliminar e se verifica da organização do livro, o autor attendendo á convenien-

cia do methodo, dividiu o trabalho em tres partes;

1ª *Biographia*. Abrange o periodo de 1818—1870, isto é, desde o nascimento até á morte de Fr. Camillo.

2ª *Noticia e analyse dos seus escriptos*. Nestas paginas poderá o leitor avallar a lucidez da exposição, a firmeza e verdade da analyse.

3ª *Documentos, Memorias e Notas*. Nesta parte são textualmente reproduzidos os escriptos de Fr. Camillo, á vista dos quaes conseguirá o leitor formar seguro juizo da exteosão s varie, dade dos conhecimentos do illustre monge.

Precede ao trabalho um magnífico retrato de Fr. Camillo.

MARINHA.—Sntos.—1888.—Bella poesia do Sr. Vicente de Carvalho sobre assumpto correspondente ao titulo.

## ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã á 3 da tarde—Rua do Carmo 34.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

Solicitador—Francisco R. de A. Nvaes—Juiz de Fora.

Augusto Luzo.—incumbe-se gra tuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

## COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

Imperial Fabrica de Cerveja e aguas mineraes—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fora.

Dr. André Rangel.—C. Rua da Quitanda n. 99. R. Rua Conde de Lage n. 14.

F. Navarro de M. Salles—encarrega-se de defezas perante o jury. Muzambinho—Minas.

Dr. Araujo Filho—Medico par teiro; Residencia, rua Visconde do Rio Branco, no. 36

Julio Cezar Tavares Paes encarrega-se de liquidações amigaveis ou judicias na cidade de Muzambinho e seu termo.

O Hotel Derby, na rua Sete de Setembro, n. 5, serve com acoio e optima cosinha. Splendido terraço com caramanchões.

Relojoeiro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Typ. d' A Semana, r. do Ouvidor, 45, sobrado